

A Consistência das Listas Nominativas de Habitantes da Capitania de São Paulo: Um Estudo de Caso

RAMON V. GARCIA FERNANDEZ(*)

Resumo

As Listas Nominativas da Capitania de São Paulo são fontes muito ricas no estudo da história do Brasil no fim da Colônia e nos começos do Império; existem neles, todavia, contradições facilmente perceptíveis. Este artigo pretende estimar a dimensão dessas inconsistências a partir de um estudo de caso: duas listas consecutivas de Ubatuba, correspondentes aos anos de 1805 e 1806, um dos períodos onde a elaboração destes documentos parece ter sido mais cuidadosa.

Estuda-se primeiramente os problemas que gera a existência de duas vias das listas; posteriormente é feita a comparação entre a consistência dos dados dos domicílios que permaneceram na mesma companhia com a daqueles que mudaram, mas foram localizados. Chega-se à conclusão de que a presença bastante difundida de pequenos erros não representa um obstáculo cuja importância impeça a utilização destes documentos.

Palavras-chave: listas nominativas, censos manuscritos, crítica de documentos, história de São Paulo.

Abstract

The manuscript censuses ("Listas Nominativas") of the Province ("Capitania") of São Paulo are very rich sources for the study of Late Colonial and Early Imperial periods of Brazilian History; however they show easily perceivable contradictions. This article aims to estimate the size of these discrepancies by means of a case study: two consecutive censuses of Ubatuba, corresponding to the years 1805 and 1806, a period in which these documents seem to have been more carefully made.

The investigation focuses firstly on the problems created by the presence of two copies of the documents; finally, a comparison is made between the data consistency of the family groups that remained in the same district ("companhia"), with those who moved but could be found elsewhere. The article concludes that, although there is a rather high number of small inconsistencies, it doesn't prevent the use of the data.

Key words: manuscript censuses, criticism of documents, history of São Paulo.

O autor é doutorando em Economia pelo IPE/USP e professor do Departamento de Economia da PUC-SP.

(*) Agradeço os comentários do professor Iraci del Nero da Costa.

Apresentação

O trabalho de investigação histórica com fontes primárias pode iludir o pesquisador, levando-o a supor que os documentos mostram as coisas “como elas realmente aconteceram”, podendo então ser conhecido “o que verdadeiramente se passou”. Este estado de ânimo mostra-se, em geral, bastante frágil, e uma das ferramentas que operam inexoravelmente em sua destruição é a percepção de que os documentos contêm contradições ou manifestam inconsistências. Tendo em vista que o mérito do trabalho do historiador baseava-se, desde esta perspectiva, na organização dos dados dos documentos, resulta daí, como consequência necessária, o mutismo do pesquisador; ou seja, se o documento está “furado”, nosso dever seria calar, até encontrarmos uma fonte digna de crédito para explicar aquilo que o caráter impreciso (ou autocontraditório) das fontes inicialmente compulsadas impedir-nos-ia formular.

Este processo que acabo de descrever, com pretensões de generalidade, aplica-se, com certeza, à trajetória dos estados de espírito pelos quais passa boa parte das pessoas que investigam as listas nominativas da Capitania de São Paulo⁽¹⁾. O entusiasmo inicial, em face da abundância de dados, que permitiria discorrer sobre as diversas características daquelas sociedades, é muitas vezes contrabalançado, de imediato, por uma desilusão que se segue à descoberta de problemas que levam, em casos extremos, a atitudes niilistas: como podemos saber que as listas não são invenções de funcionários preguiçosos que ficavam simplesmente adaptando, durante alguns anos, alguma matriz inicialmente feita? Não podemos, inclusive, supor que nem esse primeiro levantamento existiu, não sendo tudo senão uma grande obra de um novo gênero literário, a “ficção demográfica”? A imaginação fértil do investigador pode construir infinidades de cenários catastróficos, restando, apenas, a alternativa do simples abandono do documento. Todavia, parece evidente que, como este permite-nos dizer bastante coisas a respeito daquelas sociedades, desistir de seu uso mostrar-se-ia uma atitude ainda menos inteligente do que a veneração acrítica das fontes.

Considerarei este preâmbulo necessário para delimitar a origem e abrangência do estudo desenvolvido neste *paper*. Isto é, tornava-se necessário indicar, desde o início, a perspectiva que o orienta. Motivava-me a constatação, surgida ao longo das minhas investigações nos censos relativos ao Litoral Nor-

(1) Estas listas têm sido utilizadas por diversos autores, dando origem a uma vasta e rica bibliografia focalizando diversos aspectos do passado paulista (e, portanto, também do paranaense). Para dar apenas um breve panorama das obras que se basearam nesta fonte, utilizando o discutível critério de indicar apenas uma obra por autor, e correndo o risco de cometer graves omissões, podemos mencionar *inter alia*: MARCÍLIO (1973); PETRONE (1968); COSTA, SLENES & SCHWARTZ (1987); SAMARA (1980); LUNA & COSTA (1983); GUTIÉRREZ (1987); MEQUELUSSE (1975); MOTTA (1987); METCALF (1983).

te da Capitania, da existência de erros ou contradições nas listas nominativas. Isso fez nascer o interesse em ter alguma noção da dimensão dessas inconsistências. Evidentemente, uma análise das falhas das listas nominativas exigiria uma definição cuidadosa dos tipos de problemas que poderiam surgir, devendo ser feita em dois planos: um que permitisse detectar os erros internos das listas (erros de consistência), surgidos da comparação entre as que foram elaboradas em diferentes anos para um mesmo local e, outro, que permitisse o confronto com fontes externas. Além disto, seria necessário definir critérios de seleção que permitissem a construção de uma amostra representativa deste tão variado universo.

Optei, nesta primeira investigação, por não utilizar qualquer critério externo de comparação, permanecendo, pois, nas questões de consistência referentes às próprias listas. Neste sentido, dentro do amplo leque de opções que se apresentavam, me decidi por um caso extremo: um período onde a variação pudesse ser mínima, ou seja, dois anos consecutivos, em uma época que minha familiaridade no manuseio das listas me permitisse considerá-las “bem feitas”, isto é, com abundância de dados, completas, bem conservadas, legíveis etc.

Dados esses critérios, e também o meu conhecimento sobre as listas do Litoral Norte, escolhi ao acaso, entre aquelas que satisfaziam estes quesitos, as da vila de Ubatuba nos anos de 1805 e 1806. Dentro delas considerei duas companhias (principais subdivisões administrativas na época): a primeira, abrangendo a própria vila e seus bairros limítrofes e, a terceira, agrupando os bairros localizados ao Norte da vila. Esta escolha tinha como intuito investigar a hipótese da existência de correlação entre a consistência dos dados e a distância dos diferentes locais em relação ao centro administrativo (veja-se que *a priori* poder-se-ia supor que haveria maior facilidade de os recenseadores verificarem os dados dos moradores dos distritos menores ou com população mais concentradas e isto poderia ocasionar tanto uma maior consistência dos mesmos, na hipótese de os censos dos locais mais distantes serem mais imprecisos, quanto uma menor, na hipótese, também plausível, de existir uma simples repetição adaptada naqueles locais muito distantes para serem verificados facilmente. Este fato, obviamente, tenderia a acarretar uma variação muito menor nestes últimos⁽²⁾).

O trabalho pretende, em termos gerais, como foi dito anteriormente, verificar a consistência dos dados. Para isso, farei uma pequena digressão sobre qual o sentido prático que a expressão “consistência dos dados” tem neste trabalho, o que requer que falemos, inicialmente, dos dados existentes nas listas e de suas formas de apresentação.

(2) Isso não leva em consideração a hipótese, também plausível, da existência de algumas diferenças de qualidade entre os trabalhos dos dois recenseadores.

1. Listas Nominativas: Descrição dos Dados Existentes

Convém lembrar que, nas listas nominativas, os moradores de cada vila estão arrolados por companhias|e (dentro delas) eventualmente por bairros, sendo em cada um deles relacionados os fogos (domicílios) ali existentes. Dentro de cada fogo são mencionados os nomes das pessoas residentes, sua condição, alguns dados demográficos (no mínimo, idade, cor e estado) e a atividade econômica, incluindo, em certas épocas, dados sobre produção e/ou renda (o que se verifica nos censos estudados), além de serem mencionadas as "causalidades", conceito que englobava todas as variações do número de pessoas no fogo (ou seja, nascimento, morte, chegada e saída).

A pessoa que encabeça a lista em cada fogo será denominada, segundo o critério habitual, como "chefe de fogo" (nome não empregado originariamente). É a pessoa em torno da qual gira a descrição do fogo; as outras pessoas são referidas muitas vezes por "seu" ou "sua", a atividade do fogo é definida com respeito a ele (ou ela), começando|por "vive" ou "é"⁽³⁾; também é, normalmente, a única pessoa do fogo cujo nome completo é mencionado⁽⁴⁾. Acrescente-se a isto o fato de que muitas vezes o local de origem de outras pessoas pode ser omitido, fato que quase nunca acontece com o chefe. O critério que define uma pessoa como chefe nem sempre resulta transparente. O caso em que estes critérios não deixam lugar para dúvidas é o de uma família nuclear, onde o marido é considerado chefe. Nos casos em que homens ou mulheres (viúvos ou solteiros) moram sozinhos ou unicamente com filhos menores, eles também são, sem dúvida, considerados como chefes. Configurações familiares mais atípicas não parecem ter uma regra fixa dada pela estrutura da família, mas provavelmente sua gênese define essas diferenças: explicar-se-ia assim que algumas vezes homens solteiros apareçam como chefes de fogo e suas mães viúvas como agregadas,|enquanto que outras vezes a mãe viúva encabeça a relação do fogo e o homem consta como "seu filho". Assim, vemos que os casos menos freqüentes têm critérios nem sempre claros na definição do chefe, mas não pretendo fazer aqui uma tipologia completa dessas variações.

Imediatamente abaixo do nome do chefe de fogo (quando este é um homem casado) consta o nome de sua mulher. A seguir, os outros moradores do fogo são agrupados em três categorias básicas (filhos, agregados e escravos), que nem sempre constam por não existirem representantes. A condição de filho e de escravo é óbvia. Quanto aos agregados, convém apenas mencionar

(3) Isso gera, em alguns casos, dúvidas sobre como definir as atividades do fogo.

(4) Adotaremos, ao longo do texto, a grafia do português contemporâneo nos casos de citações dos documentos da época.

que consiste de uma categoria muito heterogênea, incluindo desde familiares muito próximos (mãe, netos) que permaneciam por vários anos no fogo, até pessoas sem nenhum vínculo familiar mencionado e que residiam no fogo em um único censo; não teria sentido, dados os limites deste trabalho, aprofundar nesta discussão. Convém apenas acrescentar que os parentes não diretamente pertencentes ao núcleo familiar algumas vezes são incluídos dentro da categoria de agregados e, em outras ocasiões, são incluídos no fim da relação dos filhos e fora dos agregados, tratamento este que não é homogêneo nem dentro de uma mesma companhia.

Antes de comentarmos os critérios de consistência, preciso fazer um breve parêntese. Todo o trabalho de comparar duas listas nominativas supõe a solução de um problema que inicialmente pode parecer desprezível: o da identificação. Dada sua condição de âncora para este estudo, prefiro deixar explicitados os pressupostos, embora possam parecer triviais, adotados para resolver esta questão.

2. O Problema da Identificação

Para se poder analisar a inconsistência nas listas nominativas é preciso partir do princípio de que o sujeito, ao qual se atribui predicados incompatíveis, é o mesmo. Pelo fato da lista se referir a conjuntos abertos (há pessoas que entram – o que consta em geral no censo – e outras que saem, o que nem sempre é explicitado, especialmente quando todos os moradores do fogo emigram), sempre pode-se supor, no limite, que toda a população seja diferente de um censo para o outro. Obviamente, isto contradiz o senso comum, parecendo mais do que razoável aceitar a identificação dos fogos com chefes homônimos nos dois recenseamentos consecutivos. No caso de existir mais de uma pessoa com o mesmo nome em ambas as listas (ou no mínimo em uma delas), é preciso verificar a manutenção dos outros atributos, ou seja, origem, cor, estado, idade compatível, tanto do chefe quanto dos outros moradores do fogo. Tal regra também se aplica no caso de nomes com variações de um censo para outro, mas com elementos comuns. Conhecendo-se, em particular, a “instabilidade” dos nomes no Brasil e as regras fluidas para sua adoção, parece incorreto rejeitar a identificação entre duas pessoas somente pelo fato de seus nomes não serem exatamente os mesmos em dois recenseamentos consecutivos.

Outros casos são, sem dúvida, mais complicados, e neles o pesquisador tem que levantar hipóteses cuja probabilidade de serem verdadeiras vai se reduzindo cada vez mais. Ou, para usar uma metáfora nada original, vai sendo montado um quebra-cabeças onde nem todas as peças encaixam perfeitamente, com algumas exigindo doses de pressão crescente para entrarem em seu

lugar e outras devendo ficar de fora (pela impossibilidade, antes mencionada, de a montagem do quebra-cabeças vir a ser a réplica exata do quadro original).

Vejam concretamente como isso ocorreu nos casos considerados, através da tabela 1. As categorias nela consideradas abrangem as seguintes situações.

- 1) **Perfeitamente identificados:** o chefe de fogo é o mesmo ou há clara evidência da sua morte.
- 2) **Identificação atribuída:** o nome do chefe de fogo sofreu alterações, mas os dados restantes respaldam a identificação.
- 3) **Dissolvidos:** o chefe do fogo morreu (ou emigrou) e os outros moradores não permanecem juntos.
- 4) **Fundidos:** todos os moradores de um fogo se incorporam a outro.
- 5) **Mudados localizados:** saiu da companhia, mas pôde ser localizado em outro lugar.
- 6) **Perdidos:** não há notícias de seu paradeiro.

TABELA 1

IDENTIFICAÇÃO DOS FOGOS EXISTENTES

Fogos	Primeira Companhia		Terceira Companhia	
	1805	1806	1805	1806
Perfeitamente identificados	84	84	132	132
Identificação atribuída	8	8	2	2
Dissolvidos	1	—	3	—
Fundidos	2	—	5	—
Mudados localizados	2	—	3	—
Perdidos	7	—	4	—
Desmembrados	—	4	—	7
Imigrantes de outras companhias	—	5	—	3
Imigrantes de outras localidades	—	2	—	5
Imigrantes de origem desconhecida	—	5	—	—
Total	104	108	149	149

7) Desmembrados: moradores da companhia que não eram chefes de fogo, constituindo domicílio próprio, às vezes com a incorporação de pessoas de fora. Aqui se incluem, notadamente, porém não de forma exclusiva, os matrimônios constituídos no ano considerado.

8) Imigrantes de outras companhias: chefes de fogo vindos de outras companhias da mesma vila.

9) Imigrantes de outras localidades: chefes de fogo vindos de fora da vila.

10) Imigrantes de origem desconhecida: fogos que não constam como novos, mas que também não figuravam no censo anterior.

Veja-se que as categorias 1) e 2) são, por definição, idênticas nos dois censos, enquanto que as que vão da 3) à 6) só se aplicam aos primeiros censos, assim como só valem para os segundos as de números 7) a 10).

Perceba-se que aproximadamente 90% dos fogos mantiveram-se de um ano para o outro, enquanto que os casos inexplicados ou inexplicáveis (os cinco imigrantes de origem desconhecida e os onze perdidos) não chegam a constituir uma parcela significativa do universo considerado, embora seja conveniente lembrar que ao longo dos anos a manutenção de tais taxas de vazamento pode significar um problema importante na identificação da população original (ou seja, fixando a taxa de “perdidos” em 6,7% – valor apresentado pela primeira companhia em 1805 –, em dez anos ter-se-ia reduzido à metade o grupo de fogos localizados, comparativamente aos inicialmente considerados).

Tendo sido mostrados, em linhas gerais, os problemas de identificação mais evidentes, será dado a seguir exemplos concretos daquelas situações em que o pesquisador tem de resolver casos com base no bom senso e sem que seja possível estabelecer regras fixas: em um fogo qualquer diz-se que um certo filho, Caetano, por exemplo, casou e, em outro, que uma certa Bárbara, também filha, fez o mesmo. Se aparecer um novo fogo onde moram um Caetano⁽⁵⁾ e uma Bárbara, a tendência a identificá-los com aqueles é óbvia. O que aconteceria, porém, se a Bárbara solteira do censo inicial tivesse quinze anos e a casada dezoito? Provavelmente suporíamos tratar-se da mesma pessoa, manifestando-se, porém, uma inconsistência. Mas, se em lugar de dezoito constasse trinta? Ou talvez quarenta? Poderíamos pensar ainda em erros, ou suporíamos tratar-se de outra pessoa? E se a idade fosse consistente, mas a cor passasse de branca a parda? E caso fosse negra? Mudariam as coisas se em lugar de ter um nome não muito freqüente, como é o caso de Bárbara, a mulher chamasse Maria? Considero que a tentativa de estabelecer regras fixas

(5) É quase óbvio lembrar que o sobrenome do Caetano dificilmente forneça garantias, ou sequer pistas, que permitam relacioná-lo com seu pai e, portanto, com o filho Caetano do fogo relacionado no ano anterior.

para a elucidação destas situações poderia elevar as complicações à enéssima potência, sem eliminar completamente um viés subjetivo que, nessas condições, considero mais inteligente assumir e aceitar.

Feitas estas considerações, voltemos à tipologia das inconsistências, à qual nos referíamos antes deste parêntese imprescindível.

3. Tipologia das Inconsistências

Apresento a seguir uma descrição das inconsistências e dos problemas que podem ser encontrados em cada uma das categorias de dados consideradas:

Nomes: o mais freqüente é o acréscimo ou a redução de algum nome ou sobrenome. Em certos casos, onde as demais circunstâncias permitam a identificação, podemos falar também em mudança do nome.

Origem: indicação de origens diferentes. Não pode ser vista como inconsistente a eventual omissão, num dos censos, da localidade de origem.

Cor: alteração na cor (isto caracteriza uma inconsistência, ainda que estejamos cientes da correlação entre esta e outras variáveis, além da subjetividade que envolve o próprio conceito de cor).

Idade: em princípio, só poderia ser considerado consistente o dado que indicasse que o indivíduo tem um ano a mais do que no censo anterior. Todavia, como se supõe que os censos são feitos anualmente, sem especificar que devam ser realizados no mesmo dia do ano, poder-se-ia considerar relativamente consistentes casos em que a idade – ao invés de ser um ano maior do que a do censo anterior – está repetida ou acrescida em dois anos. Ficará, porém, caracterizada uma inconsistência quando as variações ultrapassarem esses limites (ou seja, qualquer redução na idade ou seu acréscimo em três ou mais anos). Denominaremos, então, àquele primeiro tipo de inconsistências como “prováveis” e o último tipo como “indiscutíveis”

Profissão: a presença de variações neste item não pode, em princípio, ser caracterizada como inconsistência. Limitar-me-ei a mencionar os casos em que aconteçam alterações, estudando em que medida elas parecem consistentes ou não.

Causalidades: esta informação, ao que me consta, tem sido pouco utilizada nos trabalhos de demografia histórica até o momento. Mas parece bastante interessante, desde que confiável. Em princípio, permitiria estudar os movimentos de população no curto prazo, permitindo, inclusive, fazer uma reconstrução para trás de algum censo que falte (excetuando-se a perda de pessoas que tenham saído do local) no relativo aos dados demográficos. Consideraremos, en-

tão), como inconsistência neste item a omissão de alguma variação comprovada nos moradores dos fogos, parecendo bastante difícil o problema oposto.

Finalizo lembrando que os dados de produção não estão sujeitos à existência de inconsistências, pois não haveria motivos para acreditar que eventuais variações não tenham realmente acontecido. Ou seja, se por inconsistência entendo a situação em que algum dado não se apresenta como era necessário, na produção nada há nos resultados atuais que nos permita deduzir o futuro a partir deles.

Passemos, então, à comparação das listas.

4. Comparações Intra-anuais

O primeiro problema a ser considerado é o da existência de diferentes versões de uma mesma lista nominativa. Quando planejei este trabalho, não considerava que pudessem surgir, nesta área, vários tipos de problemas com os quais me deparei por puro acaso durante o levantamento dos dados. As duas vias da lista podem apresentar variações que, embora em geral sejam pequenas, podem causar distorções de proporções significativas nas pesquisas. Em particular, a mais importante do meu ponto de vista foi a alteração da seqüência dos fogos, pois isso pode ter sérios reflexos em trabalhos com bancos de dados que tenham esse número como elemento unificador. Notadamente, tal tipo de organização dos dados é viável se supomos que o fogo X da companhia Y da localidade Z no ano W é inequivocamente o mesmo, e qualquer alteração nesse ponto de convergência pode comprometer seriamente os resultados. Vejamos, a seguir, como exemplo deste tipo de problemas, as diferenças entre os dados relativos às duas vias existentes para a primeira companhia de Ubatuba em 1806⁽⁶⁾, quanto a:

Nomes: 9 pessoas apresentam variações neste item, embora sempre sejam pequenas, como a omissão de um nome ("Quitéria" ou "Quitéria Maria"); de um sobrenome ("Souza" ou "Souza Pereira"); ou a troca por nomes semelhantes ("Rosa" ou "Rosalia").

Idades: 3 pessoas aparecem com idades diferentes; 2 têm este dado omitido em uma das vias; 2 de um mesmo fogo têm as idades trocadas entre si.

Estado: há um caso de variação neste item e outro de omissão dos dados numa das vias.

Cor: registram-se 4 casos de mudança de cor (3 deles são escravos) e 2 de omissão do item em uma das vias.

(6) Totalizando 603 moradores distribuídos em 108 fogos.

Origem: há um caso de omissão da localidade numa via, e outro onde o nome do lugar aparece ligeiramente modificado ("Valdebes" e "Arcos de Valdebes").

Produção: verificam-se dois casos de variação dos preços e um de omissão. Além disto, há um curioso caso onde um trecho aparentemente é pulado numa via, pois consta para uma delas: "*Fabricou de farinha 55 alqueires que vendeu na terra a 320 cada alqueire*", e no outro "*Fabricou de farinha 55 alqueires que gastou. Colheu de arroz 9 alqueires que vendeu na terra a 320 cada alqueire*" (em negrito o omitido).

Causalidades: em dois casos menciona-se apenas em uma via o nome das pessoas falecidas. Também em dois casos o destino de pessoas que saíram só é mencionado em uma das vias.

Seqüência dos fogos: 6 fogos, como mencionado, aparecem com numeração diferente; os que constam como sendo de números 97 a 102 para uma das vias, estão numerados, na outra, na seguinte ordem: 99 a 102, 97, 98.

Veja-se que embora os erros possam ser escassos e pequenos em certa perspectiva, por outra parte em 30 dos 108 fogos (ou seja, em 28% deles) há algum problema deste tipo.

5. Comparações Interanuais

As comparações entre os dois censos, que constituem por definição o objetivo central deste trabalho, devem ser divididas em dois grupos diferentes. O primeiro, é o dos fogos que permanecem na mesma companhia, enquanto o segundo, muito menor, está integrado por aqueles que mudaram de companhia e, ainda assim, foram localizados. Antecipando a apresentação dos resultados, convém mencionar que a importância desta divisão reside no fato de as inconsistências e alterações serem muito mais freqüentes quando estão envolvidas mudanças do lugar de residência do que no caso mais habitual.

Vejam, a seguir, os problemas verificados no levantamento.

A – Fogos Identificados na Mesma Companhia

1) **Quanto aos nomes:** houve 17 ocorrências deste tipo na primeira companhia e 10 na terceira⁽⁷⁾; incluem-se aí os casos de identificação atribuída, mencionados na tabela 1. Obviamente, nos casos de chefes de fogo, estas

(7) Perceba-se que é incorreto calcular as porcentagens deste tipo de ocorrências contra o total de fogos identificados (completamente ou em forma atribuída), ou seja, em 92 para a primeira companhia e em 134 para a terceira, pois verificam-se casos de ocorrências múltiplas de inconsistências num mesmo fogo. Se se pretender fazer esses cálculos, o universo considerado deve ser o das pessoas que permanecem em ambos os censos, a saber, 519 pessoas na primeira e 873 na terceira.

ocorrências são mais freqüentes pelo simples fato de que era mais fácil omitir algum sobrenome, decorrência lógica da instabilidade destes. Na maioria dos casos a inconsistência reduz-se à omissão de um sobrenome; no caso das mulheres dos chefes, uma lista pode mencionar seu sobrenome enquanto que outra não, fato este verificado em três ocasiões. A omissão do segundo nome era uma prática que se manifestava com alguma freqüência. Há casos em que se trata de mudança pura e simples: há pessoas chamadas, nas respectivas listas, de Florêncio/Francisco, ou Manuel/Pedro, ou Maria Domingues/Maria Domingas.

2) **Quanto à idade:** houve 11 inconsistências deste tipo na primeira companhia e 24 na terceira. Se eliminarmos aqueles classificados como inconsistências prováveis, só permanecem 2 e 11 casos, respectivamente. Considerando, por outra parte, que em geral o que é relevante para as pesquisas é o valor aproximado desta variável (a ponto de trabalharmos normalmente com faixas de idade) vale dizer que apenas em 4 casos da terceira companhia este dado apresentou uma diferença de cinco ou mais anos do valor esperado, sendo que em dois destes a diferença foi superior a dez anos, atingindo o ápice no caso de um chefe de fogo que passa de 39 para 55 anos. Convém ressaltar que a categoria em que as inconsistências na idade são mais freqüentes é justamente a dos chefes de fogo (4 casos na primeira e 10 na terceira).

3) **Quanto à cor:** verificam-se poucos casos de inconsistências quanto a esta variável: 5 na primeira e 7 na terceira. Considerando que os critérios da época marcam uma estratificação onde ser branco é a posição privilegiada e ser negro é a menos favorecida, verifica-se que 10 dos casos encontrados implicam uma “promoção” de cor, e só dois um “descenso”, em que ambos os casos consistem de escravos que passam de pardo para negro. Não há qualquer caso de mudança extremada, i.e., de negro a branco ou vice-versa.

4) **Quanto ao estado:** não se registraram inconsistências neste item. Há um único caso de uma agregada, filha do chefe de fogo (caso já bastante atípico), que passa de “casada” no ano inicial (sem haver menção do marido), a “viúva”, sem maiores explicações.

5) **Quanto à origem:** o que poderia ser mencionado de forma inquestionável como inconsistência, i.e., a menção de dois lugares diferentes como origem de algum indivíduo, só acontece em uma ocasião: uma pessoa consta como sendo originária da Ilha Terceira em um censo, e da Madeira, no outro. A omissão da localidade (ou da indicação da origem) em um dos anos é bem mais freqüente: acontece em 5 casos na primeira companhia e em 4 na terceira, alguns dos quais envolvem várias pessoas, como, por exemplo, a omissão de origem de todos os agregados de um fogo. Diga-se de passagem, que 5 desses casos acontecem nesta categoria, sendo os outros três em relação a escravos e um a filhos. Dois casos atípicos podem ser mencionados: um é o

da omissão do nome do Arcebispado ao qual pertence a localidade de origem de um chefe de fogo num dos anos, e o outro é o de uma formulação ambígua quanto à origem de cinco agregados.

6) **Quanto à atividade:** obviamente esta categoria refere-se unicamente aos chefes de fogo. Já foi mencionado que nada nesta categoria pode ser interpretado como inconsistência *stricto sensu*, pois sempre é possível mudar de ramo de atividade, mesmo que alguns tipos de variações possam parecer *a priori* inviáveis. Consideramos neste trabalho dois tipos de mudança de atividades: parcial (onde há alguma atividade em comum nas listas dos dois anos, e uma ou mais que se acrescentam ou que somem) e completa. Houve na primeira companhia 3 casos de mudança completa e 4 de parcial, enquanto na terceira esses valores foram de 5 e 21, respectivamente. As cifras de mudança parcial, em particular, devem ser relativizadas: sendo esta uma localidade litorânea, a inclusão ou não das atividades ligadas ao mar (com as quais podemos inferir que parte da população de alguma maneira complementa seus rendimentos ou sua subsistência), pode ser melhor interpretada como uma variação nos critérios do recenseador do que como uma efetiva mudança na atividade econômica do indivíduo considerado.

Cabe destacar, outrossim, que as cinco mudanças de atividade completas verificadas na terceira companhia consistem na classificação desses chefes de fogo na ambígua e polêmica atividade de "viver de suas agências" a respeito da qual muito tem sido discutido sem se chegar a um acordo satisfatório quanto ao seu significado.

7) **Quanto às causalidades:** os tipos mais freqüentes de inconsistências neste item são aqueles em que não se explicita a chegada (ou o nascimento) de alguém que é novo no fogo, ou em que não se menciona a saída (ou morte) de moradores relacionados no primeiro censo sem constarem no segundo (excetuados os casos em que todos os moradores de um certo fogo desaparecem). Tais ocorrências, as quais serão denominadas de "inconsistências por omissão", totalizam 23 casos. As informações que poderíamos qualificar de "inconsistências redundantes" são bem menos freqüentes, ou seja, apenas duas: incluem-se aqui as situações em que volta a ser mencionado como causalidade um movimento já registrado na lista anterior, como, por exemplo, a chegada de um agregado que tivesse sido anotada na lista do ano precedente. Dividindo as ocorrências por omissão entre aquelas relativas à procedência e ao destino, vemos que há um relativo equilíbrio numérico de casos, embora, por coincidência, haja mais pessoas envolvidas nesta última categoria (vide tabela 2).

A distribuição dos casos deste tipo de inconsistências entre filhos, escravos e agregados é bastante equilibrada, como se percebe na tabela 2. Fica claro o desnível entre ambas as companhias, mais ainda quando percebemos que

TABELA 2

CLASSIFICAÇÃO DAS INCONSISTÊNCIAS POR OMISSÃO

	Primeira Companhia				Terceira Companhia			
	Procedência		Destino		Procedência		Destino	
	Ocorr.	Pessoas	Ocorr.	Pessoas	Ocorr.	Pessoas	Ocorr.	Pessoas
Mulheres	1	1	—	—	—	—	—	—
Filhos	3	8	6	8	—	—	—	—
Escravos	3	4	1	5	1	1	2	11
Agregados	3	4	4	7	1	1	1	1

boa parte dos problemas da terceira decorre de um caso de divisão de patrimônio, onde 7 escravos desaparecem, embora existam pistas que permitiriam supor tratar-se de escravos herdados por alguém que morava fora da vila.

8) **Quanto às relações de parentesco:** registram-se 6 casos na primeira companhia, e 3 na terceira, em que as relações de parentesco são omitidas ou alteradas de um censo para o outro. Em todos os casos isso envolve pessoas na condição de agregados, incluindo um no qual um escravo de um agregado, pela formulação confusa, acaba aparecendo como outro agregado qualquer. Embora isto não gere distorções significativas nos estudos mais relacionados com as atividades econômicas, pode atrapalhar quando se tenta fazer a tipologia das famílias ou estudar a estrutura dos domicílios.

9) **Quanto aos bairros:** as listas trazem subdivisões de cada companhia em bairros; na primeira temos os bairros da Vila, Mato Dentro, Praia da Vila e Ponta Grossa, enquanto na terceira existem os de Perequê, Praia do Félix, Ubatimirim e Picinguaba. Em princípio, não pode haver inconsistências neste item, pois sempre pode se aceitar a existência de qualquer tipo de mudança de domicílio. Todavia, a lógica levar-nos-ia a supor uma relativa estabilidade. Os dados apresentados nas tabelas 3 e 4 permitem avaliar que, neste ponto, há diferenças entre a primeira e a terceira companhias.

Perceba-se que, na primeira, dos 92 fogos identificados nos dois anos, 9 (aproximadamente 10%), mudam de bairro, enquanto que na terceira só 4 dos 135 (cerca de 3%) assim o fazem. Também na primeira verifica-se uma significativa redução dos fogos localizados no distrito da Vila (de 41 passa a 29, o

TABELA 3

DISTRIBUIÇÃO DOS FOGOS DA PRIMEIRA COMPANHIA
SEGUNDO BAIRROS

1805 1806	Vila	Mato Dentro	Praia	Ponta Grossa	Deixaram de Existir	Total
Vila	27	2	2	1	9	41
Mato Dentro	1	19	2	1	—	23
Praia da Vila	—	—	19	—	2	21
Ponta Grossa	—	—	—	18	1	19
Ainda não existiam	1	2	10	3	X	X
Total	29	23	33	23	X	108/104

TABELA 4

DISTRIBUIÇÃO DOS FOGOS DA TERCEIRA COMPANHIA
SEGUNDO BAIRROS

1805 1806	Pere- quê	Félix	Ubatu- mirim	Picin- guaba	Deixaram de Existir	Total
Perequê	43	—	—	—	5	48
Praia do Félix	2	24	—	—	2	28
Ubatumirim	1	—	43	1	5	50
Picinguaba	—	—	—	21	2	23
Ainda não existiam	3	3	3	5	X	X
Total	49	27	46	27	X	149/149

Nota: Interpretação: veja-se, por exemplo, lendo em sentido horizontal na tabela 3, que dos 41 fogos existentes no bairro da "Vila" em 1805, ali permaneciam no ano seguinte 27; foram localizados em outros bairros da companhia 5 deles, dois em "Mato Dentro", dois na "Praia" e um na "Ponta Grossa"; os 9 restantes deixaram de existir, onde se incluem tanto aqueles localizados fora da companhia, quanto os dissolvidos, perdidos ou fundidos, de acordo com a classificação da tabela 1. Lendo no sentido vertical, vemos, por exemplo, que dos 29 fogos existentes na "Vila" em 1806, 27 já se encontravam ali em 1805, um estava em "Mato Dentro" e o outro ainda não existia na companhia, seja por ter se desmembrado de outro(s) fogo(s) da mesma, seja por vir de outro lugar.

que significa uma redução de quase 30% no seu total), e um acréscimo dos da Praia (de 21 a 33, ou seja, 57% a mais).

Há, do meu ponto de vista, duas únicas maneiras de interpretar este fenômeno: 1) Pensar que essas mudanças nunca se efetivaram, refletindo somente uma falta de precisão na definição dos bairros, ou na localização de seus limites; 2) Entender que, por algum motivo, havia uma alta taxa de mobilidade espacial no período. Entendo que faltam aqui elementos para se decidir por qualquer uma destas hipóteses a partir unicamente dessas informações.

B – Fogos Identificados em Diferentes Companhias

Considerando que o número destas ocorrências é muito pequeno para fazermos grandes generalizações, passo a fazer os comentários sem apresentar a divisão em itens efetuada anteriormente. O total de fogos identificados nesta condição foi de 8, todos de não proprietários de escravos (em realidade, um deles adquiriu seu primeiro cativo em 1806), envolvendo 36 pessoas em 1805 e 32 em 1806 (das quais 27 são comuns a ambos os censos). Chama a atenção o fato de que 3 desses fogos apresentavam agregados, em 1805, os quais não somente não constam após a mudança, mas aos quais não se faz qualquer referência no item causalidades.

A identificação dos fogos através do nome do chefe foi imediata em 6 dos 8 casos; no sétimo, constatou-se o acréscimo de um segundo nome. O caso mais difícil foi o da identificação de uma certa Ana Maria, natural de Ubatuba, que faltava na primeira companhia, com a Ana Gomes, natural de São Sebastião, imigrante de origem desconhecida (segundo minha classificação) da terceira; a estabilidade de outros dados permitiu, porém, essa identificação. A partir disso, verifiquei que os nomes das outras pessoas consideradas não apresentavam grandes variações, sendo os casos mais sérios o da transformação do nome de uma mulher de "Joana Josefa" para "Joana Maria", e a inversão do nome de dois filhos em outro caso.

O item em que as mudanças parecem ser mais significativas é o das idades: 14 das 27 pessoas identificadas (aproximadamente 52%) apresentam inconsistências neste critério; divididas em 17 adultos e 10 crianças (que têm menos de 13 anos no segundo censo), apenas 7 adultos e 6 crianças têm dados consistentes. Se, de acordo com o que definimos anteriormente, considerarmos apenas as inconsistências indiscutíveis, o total de casos problemáticos fica reduzido a 8 adultos. Divididos estes em faixas, 5 se incluem no intervalo de até cinco anos de diferença com o valor esperado, 2 estão entre seis e dez, e o caso limite é o de uma pessoa que passa de 36 para 51 anos.

Não há qualquer inconsistência quanto às variáveis cor (todos brancos

exceto a escrava nova antes mencionada), estado e origem (com exceção do caso já referido, no qual Ubatuba e São Sebastião são indicados para a mesma pessoa).

As atividades dos chefes de fogo mudam em 6 dos 8 casos considerados; os que não mudam são 2 lavradores. As outras mudanças parecem coerentes no que tange a pessoas que estão se estabelecendo em domicílios novos: dois lavradores passam a jornaleiros, uma costureira e um lavrador passam a "viver de suas agências", um comerciante recém-casado se transfere da Vila para uma região rural onde consta que nada colhera por ser novo no local e, finalmente, uma mulher da qual se dizia viver de esmolas e que passa a ser lavadeira, atividade que não parece incompatível com o comentário do ano anterior.

O item causalidades perde rigor, em média, na mudança de companhia: como foi dito, os agregados sumiram sem deixar rastro, e o único caso de compra de escravos não foi destacado. Porém, quando as novidades aconteceram no núcleo familiar, o tratamento foi outro: 5 das 6 ocorrências foram registradas.

Para encerrar este aspecto, acredito resultar evidente que a quantidade de inconsistências se mostra significativamente maior neste grupo de fogos, notadamente no que diz respeito à idade e às causalidades. O pequeno tamanho da amostra impede que se façam projeções mais gerais quanto a outros itens (por exemplo, pareceria absurdo postular que com a mudança de companhia as inconsistências quanto à cor se reduzem porque nestes 8 fogos não houve nenhuma, enquanto que se registraram alguns casos nos outros fogos). Considero, portanto, justificado o destaque conferido a este pequeno grupo de fogos.

Conclusões

Pode-se afirmar que as conclusões não se afastam muito do que o senso comum ter-nos-ia indicado desde o início; isto pode ser julgado tanto um mérito quanto um defeito deste trabalho. As duas primeiras conclusões possíveis, as conclusões extremas, se se quiser, são previsíveis.

a) Há, efetivamente, uma quantidade significativa de inconsistências: além da questão das comparações entre as duas vias das listas de um mesmo ano, que indicaram a existência de algum erro em 28% dos casos, verifica-se também que houve alguma inconsistência, na comparação interanual, em 28 dos 135 (21%) fogos que permaneceram de um ano para o outro na terceira companhia, e em 39 dos 92 (42%) da primeira.

b) A eventual existência de algumas inconsistências não invalida o uso

dos censos, já que em muitas das variáveis quase não se verificaram erros. Naquelas em que estes acontecem, são em geral pequenos e, além disso, são o único material de que dispomos para descrever importantes aspectos daquelas sociedades.

Fora estas duas conclusões, que são uma volta mais fundamentada às posições extremas propostas, podemos tirar outras conclusões menos passionais e que possibilitam uma crítica mais objetiva dos dados.

Aqui seria importante lembrar que, por hipótese, este trabalho parte da escolha de dois anos consecutivos de censos de um período considerado bom; pareceria então plausível que o número de inconsistências nestes períodos tenda a ser mínimo. Façamos uma inversão do sentido da pergunta e pensemos quais seriam as inconsistências que as listas poderiam apresentar, que sejam relevantes para a análise. Aparentemente, o problema maior estaria na omissão de moradores, supondo que o oposto, i.e., a inclusão de alguém inexistente deva ser muito menos freqüente. Mas, infelizmente, por ser a população um conjunto aberto, não podemos ter garantias totais de que as ausências sejam (ou não) inconsistências. Semelhante dúvida se estende aos fogos que não se encontram na lista inicial e sim na seguinte, mas sem que seja mencionado o caráter de recém-chegado: aí, evidentemente, há um erro, mas não se sabe se este reside na ausência do fogo no primeiro ano ou na omissão da mudança no item "causalidades" do segundo. De qualquer modo, mesmo se em todos esses casos se manifestarem erros, estes não chegam a atingir proporções significativas⁽⁸⁾.

Uma vez que temos a convicção de estarmos trabalhando com uma população onde a margem de inconsistências quanto ao total de fogos é pequena, podemos nos perguntar quais os erros que mais poderiam distorcer nossa visão dessa sociedade. Veja-se que variáveis muito importantes, como a atividade econômica e a produção, não são passíveis de verificação de inconsistências. Deve ser enfatizado, porém, que mesmo a hipótese que levantamos a respeito da possibilidade de diagnosticar problemas através do estudo das variações de profissão levou-nos a constatar a coerência das mudanças registradas.

Quanto aos dados demográficos, as variações de cor, estado e origem se mostraram desprezíveis. No máximo, pode deles derivar uma norma prática bastante evidente, qual seja, a de não se conformar com a ausência de algum dado, procurando-o na outra via dessa lista eventualmente existente, ou no

(8) Isto é, se os 7 fogos considerados "perdidos" da primeira companhia, em 1805, não tivessem realmente emigrado, sendo omitidos pelo recenseador, isso significaria, em 1806, um erro de 7 em 115 (108+7) fogos, ou seja, 6%. Paralelamente, se isso fosse verdadeiro com os 4 fogos "perdidos" da terceira, daria um erro de 4 em 153 (149+4) fogos, ou seja, 3%. Finalmente, se os 5 "imigrantes de origem desconhecida" da primeira companhia em 1806 tivessem realmente sido moradores da mesma, o erro seria de 5 em 109 (104+5) fogos, ou seja, 5%.

censo do ano anterior e do posterior. De qualquer modo, deve ser também considerado o custo de oportunidade do tempo do pesquisador, comparando o prejuízo do incremento do esforço com os ganhos do acréscimo de informação.

A variável onde as inconsistências parecem mais significativas é a idade; vimos que há bastante casos onde os valores não são os esperados e mesmo com nossa interpretação que separa as inconsistências, neste item, em prováveis e indiscutíveis, um número de problemas mais ou menos alto se mantém. Olhando desde outra perspectiva nos perguntamos, todavia, em que medida este fato poderia distorcer os resultados. Vimos que trabalhando com faixas de cinco anos os erros reduzem-se a proporções insignificantes, e com faixas de até dez só restaram três casos não abrangidos. A partir daí podemos nos questionar qual é a exatidão que precisamos nos dados. Ou seja, se um indivíduo aparece num censo com 30 anos e no seguinte com 34 ou 39, até que nível de sutileza deveria chegar a análise para que essas variações se tornem significativas?

O item causalidades, com o qual não se trabalha com muita frequência, e a respeito do qual me propus investigar a qualidade dos dados, mostra uma incidência de inconsistências maior, como se verifica na tabela 2, sem que isso impossibilite seu emprego; mais ainda quando lembramos que sua utilização dar-se-ia no sentido de reproduzir aproximadamente censos perdidos ou, no caso deles existirem, situações nas quais, por algum motivo, não se considera necessário ir às fontes originais.

Convém lembrar, finalmente, que a consistência quanto aos nomes é importante, em especial para resolver o problema de identificação. Mas, isto solucionado, não parece relevante para a grande maioria dos trabalhos em história econômica e em demografia histórica se o nome de certos indivíduos com os dados devidamente levantados seria "Antonio de Oliveira"/"Antonio de Oliveira Freire", ou "Maria Francisca"/"Maria Conga"

Embora as conclusões deste trabalho enfatizem que a qualidade dos dados das listas é satisfatória, podem ser levantadas algumas considerações críticas. Em primeiro lugar, convém mencionar que o estudo dos casos de mudança de companhia, apesar do seu número reduzido, mostra uma quantidade mais significativa de pequenos erros, especialmente a respeito da idade. Isso não é importante pelas distorções que possam ocasionar à análise, mas, ao contrário, porque permite que pensemos a respeito da qualidade dos dados quando os indivíduos permanecem no local. Poder-se-ia postular, conseqüentemente, que a maior consistência dos dados nos casos de permanência na companhia não esteja refletindo um maior esmero na obtenção dos dados, senão um esforço em ser coerente por parte do recenseador. Se supomos que nestas sociedades a idade exata não é um dado tão importante para as pessoas como o é hoje, a atribuição de um certo valor para esta variável não será

necessariamente exata, mas refletirá, como já dissemos, a faixa etária em que uma pessoa se encontra⁽⁹⁾.

Por outra parte, não parece haver significativas diferenças, em geral, quanto à existência de inconsistências nas duas companhias. Inclusive, a maior presença global de inconsistências em fogos da primeira companhia relativamente à terceira (42% contra 21%, como foi dito anteriormente) deve ser atribuído a alguns itens específicos onde os problemas numa companhia são mais freqüentes do que na outra; isso acontece com as causalidades na primeira, ou com as mudanças parciais de profissão (que não são consideradas inconsistências), na terceira. Isso todavia não parece permitir inferências a respeito da questão relativa à existência de diferenças de qualidade no trabalho dos recenseadores nas diversas áreas (o que era uma das questões que nos propusemos a levantar desde o início).

Não deve ser esquecido, finalmente, o problema da existência de duas vias das listas. Como já foi dito em outra ocasião, especialmente quando se trabalha com diferentes bancos de dados que se vinculam pelo número do fogo, as distorções que podem advir da simples omissão de um fogo podem ir do cômico ao trágico, em situações que a imaginação do leitor pode facilmente construir. As outras comparações entre ambas as listas também contribuem para garantir a coerência dos dados, embora essa evidente melhora não modifique substancialmente sua qualidade.

Vemos, então, que embora as listas apresentem muitas pequenas inconsistências, como já foi várias vezes mencionado, os dados parecem ser, em geral, bastante coerentes. Se o pesquisador não manifestar uma obsessão numerológica, aceitará que estes problemas não comprometem a qualidade da análise. A atitude de não afrouxar a crítica dos dados é, com certeza, muito saudável e deve ser mantida, mas o ceticismo extremado em face da documentação não encontra maior sustentação na pequena investigação aqui finalizada.

Referências Bibliográficas

- COSTA, Iraci del Nero da, SLENES, Robert W. & SCHWARTZ, Stuart B. A família escrava em Lorena (1801). *Estudos Econômicos*, 17(2):245-295, 1987.
- GUTIÉRREZ, Horacio. Demografia escrava numa economia não-exportadora: Paraná, 1800-1830. *Estudos Econômicos* 17(2):297-314, 1987.
- LUNA, Francisco Vidal & COSTA, Iraci del Nero da. Posse de escravos em São Paulo no início do século XIX. *Estudos Econômicos*, 13(1)211-221, 1983.
- MARCÍLIO, Maria Luiza. *A cidade de São Paulo. povoamento e população, 1750-1850*. São Paulo, Pioneira/EDUSP, 1973.

(9) Como parece difícil que uma pessoa diga em determinado ano que tem 18, e por mudar de companhia diga no censo seguinte que sua idade é de 26 anos, podemos pensar que a idade foi, em algum momento, atribuída ou perguntada pelo(s) recenseador(es), e que este(s) a partir desse momento e salvo erros gritantes, tende(m) a ser coerente(s) com o dado do ano anterior.

LISTAS NOMINATIVAS

- MEQUELUSSE, Jair. *A população da vila de Paranaguá no final do século XVIII segundo as listas nominativas de habitantes*. Dissertação de mestrado, UFPR, 1975(mimeo).
- METCALF, Alida C. Recursos e estruturas familiares no século XVIII em Ubatuba, Brasil. *Estudos Econômicos*, 13(Especial): 771-785, 1983.
- MOTTA, José Flávio. Família escrava e desenvolvimento cafeeiro em uma localidade valeparaibana paulista, 1801-1829. *Anais do XV Encontro Nacional de Economia (ANPEC)*, Salvador, 1987.
- PETRONE, Maria Thereza Shorer. *A lavoura canvieira em São Paulo*. São Paulo, DIFEL, 1968.
- SAMARA, Eni de Mesquita. *A família na sociedade paulista do século XIX (1800-1860)*. Tese de doutoramento apresentada à FFLCH/USP, 1980 (mimeo).

(Originais recebidos em fevereiro de 1989. Revisitos pelo autor em junho de 1989).